

Relato de Experiência do Projeto de Dicionário de Gírias - A Fala dos Emilianos

Célia Maria TrevisanTeixeira¹

Gisele Scherer Bischoff²

Maria Beatriz Costa Cabral Costa Silva³

Marta Rejane Leite Robaina⁴

Resumo: No segundo semestre de 2004, fizemos um projeto para trabalhar o livro *Ba, Tchê!*, de Luís Augusto Fischer⁵. O projeto desenvolvido deu origem ao dicionário de gírias virtual *A fala dos Emilianos*.

Palavras-chaves: literatura - gírias – dicionário.

O que são gírias, afinal? Por que as pessoas insistem em adotá-las através dos tempos? Como algumas permanecem e acaba sendo incorporado à língua padrão? Qual é o fascínio que exercem em nossos jovens? O professor deve tentar entender que as gírias são produto da identidade dos diferentes grupos que existem. Esses grupos constituem-se por razões variadas. Pode ter origem na faixa etária, nas atividades profissionais, de lazer... enfim, torna-se quase impossível enumerá-las sem esquecer alguma. Devemos é trabalhar com nossos alunos o conceito do contexto e todas as diferenças que residem no uso da linguagem.

Ao consultar o Aurélio⁶, deparamo-nos com o seguinte conceito:

Gíria *f.* **1.** Linguagem dos malfeitores, malandros, etc. **2.** Linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estendendo-se à linguagem familiar. **3.** Palavra ou expressão de gíria (1 e 2).

Ora, torna-se evidente não somente que existe um certo preconceito em relação às gírias, como também que muitos e diferentes grupos costumam adotá-las após familiarizarem-se com os novos vocábulos. Qualquer professor, principalmente os que trabalham o português, sabem das dificuldades de levar seus alunos a adotarem a língua padrão nas suas produções textuais, mas todos sabem também que é impossível riscar a gíria da linguagem oral. Não é o caso então de aliar-se a esse uso consagrado para levar os nossos alunos a ler livros, extraíndo daí um imenso prazer e divertimento, como também a escrever? Pois foi isso que fizemos no Emílio Meyer. Duas professoras de

1 Professora de Português e Literaturas de Língua Portuguesa - Pós-Graduada em Supervisão Escolar –Trabalha na EMEM Emílio Meyer, EMEF José Loureiro da Silva

2 Professora de Português/Inglês e respectivas literaturas – Pós-Graduada em Língua Portuguesa. – Trabalha na EMEF Grande Oriente, na EMEM Emílio Meyer e no Colégio Concórdia de Porto Alegre.

3 Formação em Filosofia e Pós-Graduação em Informática Educativa da UFRGS – Trabalha na EMEM Emílio Meyer.

4 Bibliotecária – trabalha na EMEM Emílio Meyer

5 Autor escolhido para o Projeto SMED/Câmara Municipal do Livro “Adote um escritor”.

6 Dicionário de língua portuguesa, escrito por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, popularmente conhecido por “Aurélio”

português aliaram-se à bibliotecária e à professora de informática e construíram uma ponte com seus alunos. Essa ponte deixou para trás as diferenças de várias maneiras...

Através do projeto Adote Um Escritor - 3ª edição, promovido pela SMED e CRL, conseguimos uma verba para compra dos livros do escritor Luís Augusto Fischer e agendamos sua visita à escola. Adquirimos um número suficiente de livros para poder circular entre os alunos. Começamos então a leitura em sala de aula. Os alunos liam os livros e achavam muito divertidos, pois o estilo do autor é leve e descontraído, traz um ar de nostalgia aliado à novidade de estar em contato com um dicionário completamente irreverente. A idéia construída, ao longo de nossa vida estudantil, em relação a um dicionário é de, no mínimo, que é um livro para ser consultado quando tivermos dúvidas quanto à grafia e quanto ao significado da palavra, não para ser lido integralmente, muito menos de divertir-se com isso. Os alunos faziam comentários entre si sobre os termos lidos, os verbetes e os exemplos. Logo, alguns estavam lendo o outro livro do mesmo autor "Dicionário de Porto-Alegre". A seguir, começaram a produzir o trabalho: charges e quadrinhos com os termos contidos no Bah Tchê!, e a pesquisa e construção do dicionário virtual, fazendo um levantamento das gírias e expressões utilizadas pelos alunos do Emílio.

As turmas envolvidas mais diretamente foram: 15, 16, 17 e 28, do Ensino Médio. Eram compostas por alunos com faixas etárias variadas e, conseqüentemente, apresentam gírias e expressões diversas. Fazer o dicionário do Emílio passou a ser a construção coletiva de uma rica e colorida colcha de retalhos. Terminado o levantamento de palavras com as respectivas definições e significados, já com a data da vinda do escritor agendada, começou o espinhoso trabalho de digitação. Neste momento, um aluno do Português II, Gilson Guedes, ofereceu-se para ajudar na construção de uma página na Internet, juntamente com a Professora Maria Beatriz de informática. Os alunos, depois de orientados pelas professoras de português e com todo o trabalho de pesquisa realizada, procuraram a professora de informática e combinaram como seria a melhor maneira de fazer o trabalho de digitação e, imediatamente, iniciaram a digitação de todo o material construído. Eles é que definiram como seria a formatação do dicionário e isso incluiu o tamanho da fonte, tipo de letra e espaços necessários. Com a parte de formatação acertada, iniciaram o trabalho e, para isso, utilizaram o ambiente de informática em seus horários disponíveis. Todos os momentos vagos entre uma aula ou outra, os alunos que estavam fazendo a digitação se dirigiam ao ambiente de informática e ficavam digitando as palavras. O dicionário foi dividido por letra e cada dia digitada uma letra diferente, e assim por diante, até terminar de digitar todo o dicionário. O aluno Gilson dedicou-se a

fazer o layout e links necessários para o funcionamento do dicionário. O papel da professora de informática educativa foi o de orientar a organizar todos os arquivos na mesma pasta e orientar quanto ao nome dos arquivos (que não pode conter espaço, acento ou caractere, para evitar erro na página) e trocar idéias e/ou informações com os alunos, quando necessário, para que o trabalho fosse realizado. Após terminada a digitação, o aluno Gilson já havia terminado o layout do dicionário, então juntaram as duas partes e foi testado e verificado o funcionamento de cada letra. Algumas delas apresentaram problemas no seu funcionamento, averiguamos o motivo e alteramos o necessário. Com essa parte revisada e funcionando perfeitamente, foram para a última etapa que era a de publicar o dicionário na página da escola. Essa parte coube à professora de informática. Com as etapas da informática, os alunos aprenderam planejar o trabalho a ser realizado, organizar e executar de forma mais eficaz, também a trabalhar de maneira cooperativa e, em outros momentos, individualmente, conseguindo com isso, juntar todas as peças para complementar a proposta.

Tivemos vários momentos divertidos, como por exemplo, quando os alunos digitadores resolveram simplificar e resumir os verbetes, pois tinha "muita coisa escrita..." – para desespero das professoras de português... e, por outro lado, também nos damos conta de que algo estava acontecendo nesse movimento, pois percebemos que os alunos iam à Biblioteca retirar livros do autor e saíam rindo do que liam.

Na Biblioteca, os livros do escritor adotado estavam em evidência, além do Dicionário Porto-Alegre, outros como Rua Desconhecida. Assim, quem chegava lá para fazer o seu trabalho de leitura do Ba, Tchê, encontrava outros livros do mesmo autor. Ao contrário do silêncio costumeiro da Biblioteca, a conversa tomou conta. Quando um lia um dos verbetes, como “*Borra-bosta*”, (fórmula local e popular para borra-bostas, isto é, um sujeito desqualificado, sem valor Bá, Tchê! P.29) o outro vinha com outro mais engraçado ou diferente como “*Cu-doce*” (expressão das mais interessantes, que não se imagina como terá nascido. Quer dizer o seguinte: um sujeito que fica *fazendo onda* para aceitar um presente, ou um sujeito que fica se *fresqueando* para dar cabo da tarefa, ou fica se fazendo difícil, é um cara que esta fazendo *cu-doce*.) E a Biblioteca transformou-se no lugar para o riso, da gargalhada, da troca de idéias, porque outros verbetes surgiram em outros momentos. Respeitando a hora, pois aquilo fazia parte de um encontro com a fala que normalmente não é encontrada nos espaços formais. É por isso que houve uma autorização para que a gíria circulasse na Biblioteca e se tornasse ouvida por outros. E como consequência desse trabalho, houve outra transformação na Biblioteca, geralmente não são emprestados dicionários, mas foi necessário modificar

essa regra, pois os alunos pediram para levar para casa e assim tivemos que autorizar o seu empréstimo. A socialização das leituras foi para a família e para o trabalho de nossos alunos. Um aluno retirou o Dicionário para ler com a família, outro levou para os colegas de trabalho conhecerem, já que alguns eram de outro estado. Diziam – “os outros, que não são daqui de Porto Alegre, não falam como nós e não sabem o que falamos, *Bá, que legal*, ou *tri legal*, no *Bonfa*, só nós conhecemos.” É nestes momentos que a Biblioteca se integra ao fazer pedagógico, o dicionário Ba, Tchê! ficaram guardados em uma cesta, durante o uso nas turmas, mas estavam disponíveis para leitura no local. Terminado o trabalho, ficaram livres para o empréstimo domiciliar. Enquanto não conseguiram retirar este, o outro Dicionário de Porto-Alegre foi circulando entre eles.

Chegou o dia esperado! O escritor veio à escola e os alunos – também escritores de dicionário – o esperavam ansiosamente. Quando vivemos momentos como esses, reparamos que não existe diferença de atitude entre crianças, jovens ou adultos quando há um trabalho definido e bem direcionado para um objetivo concreto e consistente, pedagogicamente falando, todos ficam eufóricos e ansiosos. A aprendizagem ganha sentido, a língua torna-se viva e amiga, além de materna. O encontro com o escritor foi a culminância de um trabalho: projetamos a página do dicionário na parede através de um data show (conseguido através de contato com a SMED, Setor de Eventos). Após uma conversa calorosa, quase um bate-papo, entre o escritor, os alunos e os professores sobre a experiência vivida com a escritura de um dicionário, dificuldades, fatos pitorescos, fomos todos juntos, enfim, conhecermos o nosso dicionário, lendo alguns termos, discutindo a origem de outros, reparando a similaridade entre alguns, as alterações de significados ao longo do tempo, como por exemplo, na palavra "xarope" que antigamente significava algo ou alguém chato, impertinente e, hoje em dia, diz respeito a algo muito bom, excelente. Neste momento, éramos todos escritores, aprendizes e educadores, fazendo relações e vivenciando uma real troca entre sujeitos: onde aprende quem ensina, ensina quem aprende e o autor lido pode ler a produção daquele que o leu.

O que podemos falar do que acontece com um educador que planeja algo e percebe que tocou o seu aluno? De um colega que tem uma idéia e olha para seu lado e descobre um parceiro disposto a fazer o mesmo? Fica a vivência rica, pulsante e indescritível. Mais do que isso, fica a certeza de que podemos seguir inventando cada vez mais, mais projetos, mais trabalhos diferenciados, mais caminhos novos na educação. Sempre há espaço para a criação, sempre há alguém do lado disposto a ser parceiro, por outro lado, não há aluno desatento ou desinteressado quando seus conhecimentos e vivências são respeitados e valorizados e, acima de tudo, se veja parceiro e sujeito no

processo educativo. Desenvolvemos a confiança necessária para ousar e acreditar em sonhos. E isso é qualidade de vida.

Fica o convite para conhecer o site do dicionário na página da nossa escola, depois de acessado o endereço, deve-se clicar em **Biblioteca Digital** e, finalmente, em **Dicionário Emiliano**

Colocamos em anexo alguns termos do dicionário

Anexo

A

Abobrinha - bobagem, besteira.

Água benta – Cachaça

Ai, meu bruxo – cumprimentar um amigo.

B

Bacura – filho.

Bandão – muitas coisas.

Bater uma caixa – conversar com outra pessoa conhecida.

C

Cabeça de ovo pa sopa – quando faz as coisas ao contrário, distraído.

Calibrado – bêbado, embriagado.

Calonga – dança.

D

Da hora – atual, bem legal.

Dar no meio – fazer sexo.

De bobeira – ficar sem fazer nada.

E

E aí, feio – cumprimento de uma pessoa.

Ei dos meus – é um parceiro da antiga.

Enjoado – chato, intrometido.

F

Faixa – amigo

Falcatrua – pessoa quem não presta.

Fala sério – mentira, dúvida.

G

Galera – turma, pessoal.

Galeto – homem ou mulher bonito.

Gazear – matar aula.

M

Magrela – bicicleta.

Mala – pessoa muito chata.

Malandro – cara esperto

N

Não bota pilha – não falar demais ou encher a cabeça de outra pessoa.

Na capa da gaita – no fim, que está acabando.

Não dá nada – liberado, sem problema.

Q

Quatro rodas – carro.

Que desnorteio – 1.pessoa que está fazendo algo errado; 2. situação confusa, bagunçada.

Queimar filme – estragar o lado de alguém

U

Uma pulga atrás da orelha – estar com dúvida.